

TALOS DE SALSINHA, AGULHAS E COMPRIMIDOS. OBJETOS E AFETOS NA PRODUÇÃO VISUAL A FAVOR DA LEGALIZAÇÃO DO ABORTO NA ARGENTINA¹

[PARSLEY STEMS, NEEDLES, AND PILLS.
OBJECTS AND AFFECT IN VISUALS FOR LEGAL ABORTION IN ARGENTINA]

NAYLA VACAREZZAⁱ

ORCID 0000-0002-6837-1110

Universidad de Buenos Aires / CONICET – Buenos Aires, Argentina

LUCIANA DI LEONE (tradutora)ⁱⁱ

ORCID 0000-0002-4944-5903

Universidade Federal do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Resumo: Talos de salsinha, agulhas de tricô e comprimidos tiveram um papel crucial no repertório de imagens para apoiar o aborto legal na Argentina. Através desses objetos, artistas e ativistas fizeram circular uma série de afetos e emoções que procuravam mobilizar o pensamento crítico e a ação política. Maços de salsinha e agulhas de tricô são utilizados para expor a dor e o sofrimento associado a métodos tradicionais e inseguros de abortar. Por outro lado, os comprimidos se associam ao alívio, à alegria e ao orgulho. Este leque inovador de emoções é utilizado para promover um aborto médico seguro e auto-gestionado. Finalmente, este artigo analisa as consequências políticas deste raro e complexo leque de emoções que é mobilizado nestas produções visuais.

Palavras-chave: Afeto; Imagens; Aborto; Argentina

Abstract: Parsley stems, knitting needles, and pills have a crucial role in the visual repertoire that supports legal abortion in Argentina. Through these objects, artists and activists have circulated a broad range of affects and emotions that aims to mobilize critical thinking and political action. Parsley stems and knitting needles are used to expose the pain and suffering associated with traditional and unsafe abortion methods. On the other hand, pills are associated with relief, joy, and pride. This innovative array of emotions is used to promote safe and self-managed medical abortion. All in all, this paper analyzes the political implications of the nuanced and complex array of emotions that are mobilized in these visual productions.

Keywords: Affect; Visuals; Abortion; Argentina

¹ Publicado originalmente em BUSDYGAN, Daniel (coord.). *Aborto: aspectos normativos, jurídicos y discursivos*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Biblos, 2018. Agradecemos à autora e ao editor a autorização para realizar esta tradução.

O talo de salsinha, as agulhas de tricô e os comprimidos são objetos que tem papel principal nas imagens a favor do direito ao aborto. Através desses objetos, artistas e ativistas tem colocado em circulação diferentes tonalidades afetivas que trazem formas específicas de considerar o aborto e de chamar para a ação política pela sua legalização. É possível perguntar que trabalho político operam, então, as agulhas de tricô e a salsinha quando são utilizados para denunciar publicamente o sofrimento que causa um aborto inseguro. Que novidade política trazem os comprimidos sorridentes que anunciam que o aborto pode ser um acontecimento alegre?

Tomando essas perguntas como ponto de partida, pretendo analisar os repertórios afetivos associados aos objetos presentes na produção visual a favor da legalização do aborto na Argentina. Esta análise faz parte de um projeto de pesquisa mais amplo em torno do papel dos afetos nas imagens a favor do aborto legal em América latina. Em linhas gerais, o que guia o interesse dessa indagação ampla é a pergunta política em relação a como seria possível estilhaçar as “estruturas de sentimento” (WILLIAMS, 2009), que tornam o aborto uma questão que pode somente inspirar terror e nojo. Começo pela consideração desses registros emocionais como dominantes do sentir a respeito do aborto. Isto é, não são reações naturais nem necessárias, senão que dependem de formas historicamente sedimentadas de perceber e interpretar que estão sendo – cada vez mais e de modos criativos – abertamente desafiadas por aqueles que se comprometem na luta pela liberdade e a justiça reprodutiva na nossa região.

Nesta pesquisa acompanho as colocações de Ann Cvetkovich (2003) em relação aos “arquivos de sentimento”. No seu trabalho, Cvetkovich considera de modo amplo a produção cultural e as formas de memorialização dos ativismos e das comunidades LGBT como repositórios de emoções sustentados pela atividade coletiva, que oferecem modos alternativos de conhecimento e intervenção política. A produção visual do amplo movimento pelo direito ao aborto poderia ser também explorada dessa perspectiva, já que se trata de agrupações ativistas cujas intervenções públicas lidam com uma prática relacionada com a sexualidade que é socialmente estigmatizada. Do mesmo modo, trata-se de imagens que estão densamente atravessadas por uma diversidade de tonalidades afetivas que são escassamente preservadas e valoradas.

Os materiais que formam este arquivo em construção são diversos nos seus formatos e procedências. Muitos deles surgem da urgência política de comunicar e incidir em debates públicos e por isso são efêmeros como, por exemplo, cartazes de manifestações, faixas, panfletos, memes, publicações ocasionais e suas ilustrações, a arte de rua, o estêncil. Outros materiais, ao contrário, se ajustam a modos de expressão artística-política em formatos mais clássicos, como a pintura, a instalação, o videoarte e a fotografia.

A partir de uma primeira aproximação do arquivo posso afirmar que se trata de um campo de experimentação estético-político menos estruturado em torno de significantes fixos e repetitivos do que aquele que é possível encontrar no discurso visual anti-direitos. O discurso contrário à legalização do aborto é bastante simplista na sua organização dos afetos: o feto amoroso e vulnerável é a personagem central, a mulher que aborta é a sua rival perversa e o aborto é um ato repugnante e aterrador (VACAREZZA, 2012). De maneira oposta, o discurso a favor da legalização do aborto é um campo de produção estética e política onde múltiplas linhas de experimentação se desdobram em paralelo ao processo de renovação nas estratégias argumentativas, de produção de conhecimento e de agitação política do amplo movimento pelo direito ao aborto em América Latina. Uma rápida mutação está em curso impulsionada pela expansão do uso do misoprostol para interromper a gravidez de modo seguro, dentro y fora do sistema de saúde (CLACAI, 2010; ZAMBERLIN, ROMERO e RAMOS, 2012; RAMOS, ROMERO e AIZENBERG, 2015). E também pela criação e o crescimento vertiginoso das redes feministas que brindam informação e acompanhamento para abortar com medicamentos (MINES et al., 2013; MAFFEO et al., 2015).

Os materiais visuais escolhidos para a análise neste texto permitem observar a composição de um repertório afetivo onde, através dos objetos, se criam modos originais de falar do sofrimento associado ao aborto inseguro, mas também, cada vez mais, começa a ser explorado o vínculo entre aborto e formas da alegria, da determinação, do orgulho e do cuidado mútuo. Nas imagens aparecem recorrentemente objetos que historicamente têm sido usados para abortar. Agulhas de tricô, cabides, galhos de salsinha, instrumentais cirúrgicos e comprimidos ocupam os lugares centrais. Perante eles, é possível se perguntar quais emoções vibram em torno a esses objetos,

quais histórias arrastam essas emoções e quais formas de mobilização política prefiguram.

Retomo a perspectiva em torno das emoções elaborada por Sara Ahmed (2004, 2006) para refletir sobre emoções que não estão inscritas em um sentido estrito nos objetos - nem nos sujeitos ausentes na representação nas imagens escolhidas -, mas que surgem de um processo histórico de circulação, contato, distanciamento e aproximação entre sujeitos e objetos. Existe, então, uma história de proximidade com esses objetos que faz com que sejam apreendidos de certa maneira e os associemos com modos específicos do sentir. O uso de objetos da vida diária nas produções visuais aponta a visibilizar e denunciar tanto a cotidianidade do aborto como os riscos e sofrimento que historicamente impuseram as condições de clandestinidade. Outros objetos aparecem anunciando a possibilidade de aceder a formas de aborto seguro, ainda que em um contexto onde os abortos continuam sendo criminalizados. Em síntese, os objetos associados com a interrupção da gravidez são utilizados para comover as tradicionais divisões entre o público e o privado, já que colocam um assunto “pessoal”, vinculado com a sexualidade, no campo da discussão política.

Nos materiais que se analisam está ausente a representação explícita de um sujeito individual ou coletivo, mas se apresentam determinados objetos que estão no horizonte corporal daqueles que abortam, se elaboram as formas em que estes objetos afetam a essas subjetividades e se mobilizam emoções que impulsionam diferentes formas de avaliação e ação política em torno do tema. Na análise, intento colocar em suspenso a distinção de sentido comum entre afetos “tristes” e “alegres” que presume que os primeiros são politicamente conservadores e os segundos, politicamente progressistas (AHMED, 2004, 2005, 2008; MACÓN e SOLANA, 2015). Pensando na perspectiva performativa acerca das emoções proposta por Ahmed (2004), me pergunto que trabalho político fazem as emoções que vibram em torno aos objetos nestas peças visuais e quais futuros procuram tornar possíveis.

Objetos pontiagudos, afirmação dolorosa

No dia 8 de março de 2003, o grupo feminista de ativismo artístico Mujeres Públicas² intervém pela primeira vez no espaço público portenho durante as manifestações pelo dia Internacional da Mulher Trabalhadora com o lambe-lambe “Todo con la misma aguja” [Tudo com a mesma agulha].

Essa peça gráfica idealizada coletivamente irrompera na cena pública sem marcas autorais, gerando surpresa e variadas polêmicas entre as pessoas presentes (CUELLO e GUTIERREZ, 2016).



Todo con la misma aguja [Tudo com a mesma agulha], lambe-lambe, 2003, Mujeres Públicas.

O lambe foi ideado para fazer parte de uma ação de protesto que levava à arena pública um assunto vinculado com a sexualidade e com a esfera supostamente despolitizada da vida “privada”. Mujeres Públicas não participou deste gesto profundamente feminista por meio de um discurso racional e desprovido de emoções, pelo contrário, interveio com o desenho e a difusão de uma peça visual afetivamente intensa. No cartaz se denuncia que o mesmo objeto da vida cotidiana serve para provocar um aborto e para realizar tarefas domésticas associadas com a maternidade e consideradas femininas. Como afirmara María Alicia Gutierrez (2011), a agulha de tricô que une as palavras “aborto” e “escarpines” [sapatinhos de bebê] expõe uma tensão entre aborto e maternidade. O que se mostra através do uso de um objeto associado à domesticidade é uma sorte de continuidade, onde aborto e maternidade fazem

² Atualmente, Mujeres Públicas está integrado por Lorena Bossi, Fernanda Carrizo e Magdalena Pagano. Para mais informação sobre o grupo, suas ações e projetos, acessar: www.mujerespublica.com.ar

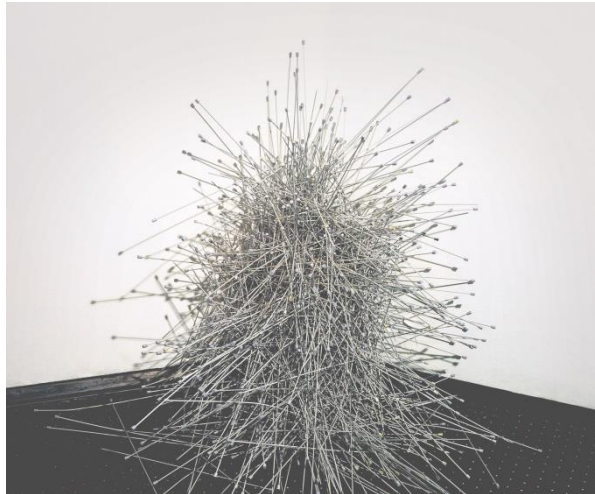
igualmente parte da vida sexual das mulheres. Mas no cartaz essa continuidade se mostra como um terreno de conflito e de violência. O corpo vulnerado pelo aborto realizado com métodos inseguros aparece simbolicamente em cena através da imagem do novelo de lã atravessado pela agulha (ROSA, 2012). Todos esses elementos, somados à monocromia e à linguagem sintética do cartaz, se conjugam para realizar uma denúncia pública e contundente em relação à violência social generalizada, associada à penalização do aborto.

A agulha e outros objetos cotidianos utilizados para realizar abortos aparecem também em uma série de instalações realizadas pela artista Ana Gallardo, onde também se colocam em tensão as relações dominantes de mutua exclusão entre o público e o privado.



Manifiesto escéptico [Manifesto cético], instalação, 1999, Ana Gallardo.

A primeira instalação da série foi realizada na galeria Tienda Juana de Arco, em 1999, sob o título *Instalación*. Depois, variações da proposta original onde se incluíam também novos elementos foram sendo desenvolvidas em diversas exposições individuais e coletivas com outros títulos, como *Manifiesto escéptico* (1999), *Material descartable* (2000) e *Políticas corporales* (2002). Nessa série de obras se mostrava um amontoado de agulhas, maços de salsinha atados com linha de costura e utensílios de cozinha colados à parede com fita adesiva ou dispostos no espaço de diferentes modos.



Material descartable [Material descartável], instalação, 2000, Ana Gallardo.

Através de objetos da vida doméstica, a obra torna visíveis os trabalhos e as responsabilidades socialmente invisíveis que recaem de modo desigual sobre as mulheres: o trabalho doméstico, o trabalho de reprodução e também o aborto. Esses objetos remetem ao histórico confinamento das mulheres no espaço doméstico e privado, entendido como um âmbito alheio à política onde, no entanto, densas relações de poder estão em jogo. Em termos afetivos, os objetos apresentados desmontam a arraigada fantasia pública da felicidade feminina associada ao trabalho doméstico e ao lar. Numa direção contrária, as agulhas, os talos de salsa e os utensílios de cozinha remetem à dor e ao sofrimento gerados pelas modalidades mais precárias e caseiras do aborto clandestino.

Os corpos daqueles que abortam têm uma relação cotidiana de proximidade e intimidade com os objetos apresentados, mas, longe de enaltecer essa proximidade, a obra deixa ver que desses objetos emana certa violência. A instalação confronta o seu público com a violência da falta de alternativas, com a dor e com as feridas que historicamente esses objetos geraram sendo utilizados para a interrupção da gravidez. De modo que todas as idealizações afetivas associadas com o trabalho doméstico como fonte de felicidade feminina e com o espaço privado como resguardo e lugar desprovido de conflito são abertamente desafiadas na obra.



Manifiesto escéptico [Manifesto cético], instalação, 1999, Ana Gallardo.

No entanto, a exposição dessas formas de violência padecidas por aqueles que abortam não dá por esgotada toda possibilidade de agência. Em uma entrevista com Moira Soto (1999) na qual a artista reflete sobre sua obra, Ana Gallardo menciona outra violência – talvez menos perceptível, porém latente – que parece emanar dos objetos: aquela que as próprias mulheres podem exercer utilizando essas ferramentas. De modo que não se trata apenas de apresentar as mulheres como vítimas da falta de alternativas seguras para abortar, mas também como sujeitos capazes de exercer violência e com o poder de abortar quando não desejarem gestar uma vida humana (KLEIN, 2013).

Tanto no lambe-lambe “Todo con la misma aguja” quanto nas obras de Ana Gallardo sobre o aborto é possível observar diferentes formas nas quais certos objetos da vida cotidiana são utilizados publicamente para denunciar a violência e o sofrimento associados ao aborto clandestino e inseguro. Mas também esses objetos tornam visíveis que aqueles que abortam se afirmam naquilo que desejam a pesar do sofrimento e dos riscos implicados.

Esses usos de objetos cotidianos para falar do aborto remetem ao uso em que o cabide tem sido empregado historicamente, especialmente no movimento *pro-choice* de Estados Unidos, para memorializar as formas de sofrimento associadas com o aborto inseguro prévio à sua legalização, em 1973, depois do ditame “Roe versus Wade”.



Detalhe de “Pro-Life’s” Anti-Choice Rally at the U of C, fotografia, 2008, Michael Soron.

O cabide de arame, na sua circulação transnacional como ícone político, serve para visibilizar o sofrimento e transmitir indignação pelas condições nas quais as mulheres devem abortar, mas também funciona como um objeto que expressa a determinação e o desespero das mulheres. Esses objetos associados ao espaço doméstico e com o aborto, desse modo, circulam como parte do discurso artístico-político local e transnacional porque trazem um precipitado histórico de contatos dolorosos e injustos com o corpo de aqueles que abortam. E, justamente por isso, também agem como pontos de condensação de demandas de autonomia e justiça reprodutiva.

Esses mesmos objetos são utilizados para colocar em circulação estratégias de cuidado que informam que seu uso para abortar é arriscado para a saúde. Em uma imagem divulgada virtualmente e em formato de *sticker* por *Lesbianas y Feministas por la Descriminalización del Aborto* [Lésbicas e feministas pela descriminalização do

aborto] é possível observar um símbolo gráfico de proibição em vermelho sobre o desenho de um maço de salsinha.



Aborto. Tu decisión [Aborto. Tua decisão], sticker, 2009, Lesbianas y feministas por la descriminalización del aborto.

A imagem desenhada pela agrupação tem o objetivo de afastar desse objeto perigoso a aqueles que procuram meios para abortar. Mas também se trata de comunicar um posicionamento a favor do aborto livre e de oferecer alternativas para a sua realização de forma segura. Por isso o cartaz se endereça diretamente a uma hipotética segunda pessoa do singular, afirmando que o aborto é “tua escolha” e convida a se informar ligando a um número de telefone através do qual se divulgam informações sobre o aborto seguro com medicamentos.

Como vemos, a utilização de objetos cotidianos associados ao aborto nas criações visuais que apoiam sua legalização vai além da produção de formas de vitimização pública e além também de uma simples exibição do sofrimento para a fundamentação de uma demanda política. É possível afirmar que, na verdade, mostram – como diz Sara Ahmed (2004: 173) – o necessário “trabalho de tradução pelo qual a dor é levada ao âmbito do público e, ao se movimentar, se transforma”.

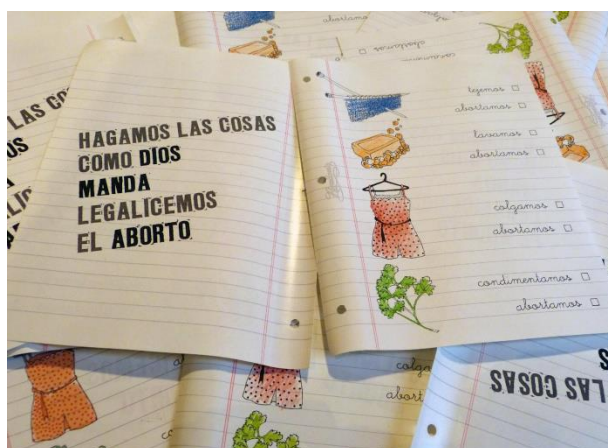
Nos trabalhos analisados, a dor e o sofrimento associados com o aborto clandestino não são as únicas emoções imaginadas como possíveis mas essas emoções

tampouco se transformam no fundamento ontológico de uma identidade individual ou coletiva. Pelo contrário, o trabalho de elaboração visual em torno dos objetos permite que experiências dolorosas relacionadas a um aborto inseguro possam ser conectadas e se tornar públicas sem apelar à representação de um sujeito unívoco. Além da dor e o sofrimento, todas essas produções visuais mobilizam afetos políticos vinculados com a recusa, a indignação e a organização coletiva que procuram ativar forças para a transformação das condições sociais que geram o sofrimento que se denuncia.

Contatos coloridos

Dios manda [Deus manda] – outra obra do grupo feminista de ativismo artístico Mujeres Públicas – foi distribuída como panfleto pela primeira vez em 2011 durante manifestações pelo direito ao aborto realizadas em Buenos Aires.

Apresentaram-se ali os mesmos objetos cotidianos que apareciam nas obras analisadas na seção anterior, mas rodeados de outras tonalidades afetivas. Em uma folha de pasta escolar é possível observar ilustrações de umas agulhas de tricô, um sabonete, um cabide e um galho de salsinha pintados à mão com lápis colorido. Maria Laura Rosa (2012) apontara que a obra se inspira na linguagem artística conhecida na Argentina como “escuelismo” [escolismo], caracterizado por utilizar um imaginário vinculado ao infantil e à vida escolar.



Dios manda [Deus manda], objeto múltiplo, 2011, Mujeres Públicas.

Junto de cada uma das ilustrações, com uma primorosa caligrafia de letra cursiva, é possível ler duas palavras colocadas, uma encima da outra, acompanhadas de

caixinhas de verificação em branco do lado de cada uma. “Tricotamos”/ “abortamos”; “lavamos”/ “abortamos”; “penduramos”/ “abortamos”; “temperamos” / “abortamos”: as opções se desdobram na folha de papel sem hierarquias nem valorações, como potencialidades das quais o corpo é capaz em conexão com esses objetos. Não há advertências nem avisos de perigo, senão que, pelo contrário, o panfleto de Mujeres Públicas convida a brincar. As caixinhas de verificação do lado de cada opção estão vazias, de modo que qualquer um pode brincar de escolher entre essas opções, pode checá-las ou riscá-las.

Todas as ações apresentadas no panfleto se encontram conjugadas na primeira pessoa do plural que inclui, tacitamente, às artistas como parte do coletivo. A Série de opções, assim conjugada, visibiliza os trabalhos cotidianos das mulheres e também a cotidianidade do aborto.

No verso da página é possível ler um apelo político também articulado na primeira pessoa do plural: “Hagamos las cosas como dios manda, legalicemos el aborto” [Façamos as coisas como deus manda, legalizemos o aborto]. Aqui, evocando a fala coloquial mediante o uso da ironia, abre-se um questionamento da ordem social que criminaliza o aborto e que impõe usos de objetos para abortar que resultam em procedimentos inseguros. A autoridade divina resulta desviada pela ironia para afirmar que o aborto deveria ser legal e que, em lugar de se utilizar para abortar, a salsinha deveria ser usada para temperar, as agulhas pra tricotar, os cabides para pendurar as roupas e o sabão para lavar.

Voltando aos objetos apresentados no panfleto, é possível dizer que a continuidade entre o aborto e as tarefas cotidianas associadas à vida doméstica que no cartaz “Todo con la misma aguja” se apresentava em monocromo e como um terreno de violência, conflito e dor, se apresenta aqui como algo mais lúdico e colorido. Esta torção no repertório afetivo permite pensar que nem os objetos nem as ações apresentadas são, em si mesmos, danosos ou causadores de afetos debilitantes.

Seguindo a pista da recente emergência de afetos mais alegres no arquivo, sobressai um objeto em torno do qual começam a se desdobrar novas linhas de experimentação visual. As histórias de sofrimento associadas aos objetos cotidianos que se destacavam na seção anterior parecem curvar-se perante o otimismo dos comprimidos, sorridentes, que enfeitam a colorida capa da primeira edição do manual

Todo lo que querés saber sobre como hacerse un aborto con pastillas [Tudo o que você quer saber sobre como fazer um aborto com comprimidos], editado por Lesbianas y Feministas por la Descriminalización del Aborto, em 2010.³ O sorriso do comprimido promete alguma coisa que era muito difícil de imaginar até pouco tempo atrás: um aborto alegre.



Todo lo que querés saber sobre cómo hacerse un aborto con pastillas, capa de livro, 2010, Lesbianas y feministas por la descriminalización del aborto.

Estes comprimidos, humanizados pelo rostinho sorridente, auguram que serão bons companheiros e que o contato com eles será benéfico porque apresentam o aborto como algo “fácil”, “seguro” e “barato”. Mais ainda, longe da vergonha e da culpa habitualmente associadas ao aborto nos parâmetros da moralidade dominante, as cores do orgulho traficam um afeto político historicamente construído pelas comunidades

³ O manual tem uma segunda edição de dez mil exemplares publicada em 2012 por Ediciones Madres de Plaza de Mayo. É possível fazer o download digital gratuitamente em www.facebook.com/abortoconpastillas.

LGBT para reivindicar o aborto, um aspecto da vida sexual que continua sendo criminalizado e considerado imoral.

O sorriso nos comprimidos se torna um gesto profundamente irreverente já que cutuca o repertório afetivo elaborado até agora pelos movimentos a favor da legalização do aborto que tendiam a associá-lo aos objetos mencionados acima e principalmente ao sofrimento e à indignação. Além de comover o repertório afetivo dos ativismos, os comprimidos de misoprostol irradiam também um sorriso irreverente em direção à dimensão social porque anuncia outras formas de felicidade e de prazer associadas à sexualidade não reprodutiva em um mundo onde o feto e o bebê são, especialmente para as mulheres, objetos privilegiados da felicidade capitalista e heterossexista.

Em seus trabalhos críticos sobre a felicidade, Sara Ahmed (2007a, 2007b, 2008, 2010) afirma que esse afeto se atribui a objetos e ações profundamente vinculadas a normas sociais e que funciona sob uma lógica temporal de futuro vinculada com a promessa: “A felicidade não reside nos objetos, ela é prometida através da proximidade com certos objetos. A promessa da felicidade toma a forma de que se você fizer isto ou aquilo, então, a felicidade é o que vai advir” (AHMED, 2008, p.4).

Os comprimidos, representados como um objeto alegre, colocam publicamente o aborto como uma opção atraente e, com isso, se colocam em circulação outras opções que prometem alegria para os corpos com capacidade de gestar. Corpos que foram historicamente orientados à reprodução como única via para a realização pessoal e a felicidade são agora convidados a escolher outros objetos e a se desviar das opções dominantes para explorar outros rumos. De modo que abandonar o caminho que conduz à reprodução interrompendo uma gravidez se torna uma opção alegre, contrariando os discursos que anunciam perigo e tristeza para aqueles que se afastarem do mandato da maternidade obrigatória.

Essas novas formas de otimismo que começam a ser vislumbradas no arquivo ao redor de objetos associados com a prática do aborto resultam originais e politicamente significativas. Trata-se de otimismo político emergentes que não são ingênuos (afinal, não se trata de afirmar que é preciso abortar com comprimidos para ser feliz), mas que colocam em circulação uma crítica ao imperativo reprodutivo através da promessa de que também é possível que exista alegria e felicidade para aqueles que decidam interromper uma gravidez. O objetivo não é, então, impor um caminho para a felicidade,

mas de perturbar o consenso social em torno à maternidade como promessa de felicidade feminina. Trata-se, em síntese, de expandir as opções vitais para os corpos com capacidade de gestar.

Abortos, objetos, afetos

No arquivo da produção visual pelo direito ao aborto na Argentina, é possível observar que se repete uma série de objetos aos quais as emoções sobre o aborto parecem se “colar”. As distintas tonalidades afetivas que vibram em torno desses objetos colocam em cena disputas políticas pelos modos em que avaliamos, conhecemos e nos relacionamos socialmente com a prática do aborto. Nas imagens, e em torno aos objetos que ali se apresentam, coexistem afetos que cotidianamente classificamos como “alegres” ou “tristes”. Através dessas produções visuais podemos nos conectar a formas da dor e do sofrimento, da determinação e do desespero, da indignação, do cuidado mútuo e da alegria. Se nos propusermos tornar mais complexa a distinção moral entre afetos “alegres” e “tristes” – onde os primeiros seriam necessariamente “bons” e empoderadores enquanto que os segundos resultariam necessariamente “ruins” e despotencializadores -, cabe se perguntar quais complexidades políticas abre esta coexistência de diferentes tonalidades afetivas no arquivo.

Considero que se agita nesta série de produções visuais um questionamento ao regime dominante do sentir em torno do aborto e também uma transformação das lógicas do sofrimento como instrumento de demandas políticas no espaço público. A teórica feminista Wendy Brown (1993, 1995) afirmou que um paradoxo atravessa historicamente as lutas feministas: pareceria que deve haver uma vítima e que deve haver sofrimento para que uma demanda possa ser apresentada em público. Ela sustenta que partir da vitimização e da estruturação das demandas e identidades políticas como um efeito da dor impede muitas vezes pensar uma política mais radical e mais afirmativa de mudança social.

Ao longo do tempo, uma das estratégias mais potentes de ação política feminista tem sido a denúncia pública das formas de violência e injustiça social direcionada às mulheres. Mas esse caminho não está desprovido de riscos, e um deles pode ser a

fetichização da dor até torná-la uma identidade que só pode se projetar no futuro se mantendo igual a si própria, isto é, permanecendo como vítima. Quando isso acontece, as oportunidades para a ação política se reduzem a se aferrar à ferida até finalmente “ser” essa ferida.

A contrapelo dessas políticas vitimizantes, no arquivo é possível observar diferentes formas em que o amplo movimento a favor da legalização do aborto em Argentina evita colocar em circulação formas simplistas de vitimização que funcionam no âmbito social como uma “moeda universalista de angústia” (BERLANT, 2011, p.49). Ainda assim, não seria adequado dizer que os afetos “tristes” desaparecem do discurso visual a favor da legalização do aborto e são substituídos por emoções mais “positivas”, como a alegria, a determinação e o cuidado mútuo. As histórias de violência e sofrimento associadas ao aborto não seguro continuam palpitando nas imagens, porque não se trata de esquecer a dor nem de dar por superadas as relações de poder que a provocam. Desvincular-se completamente dessas formas do sofrimento modela sem dúvidas as imagens que o movimento pelo direito ao aborto pode imaginar, o que não implica aceitar que só pode desdobrar sua potência criativa em torno de afetos considerados “tristes” ou que esses afetos sejam necessariamente “ruins” ou desempoderadores.

O sofrimento e a dor aparecem com frequência nas produções visuais analisadas em associação com os objetos utilizados para abortar de modo não seguro. No entanto, o talo de salsinha, as agulhas e o cabide nessas imagens não apontam apenas para formas da aflição e sofrimento que trazem o abatimento de qualquer capacidade de ação. Estes objetos certamente são utilizados para tornar visível o fazer cotidiano daquelas que abortam, sua determinação e suas formas de se afirmar na vida, ainda em um contexto que restringe as possibilidades de escolher sobre sua capacidade reprodutiva. Longe de promover formas paralisantes de vitimização através da exposição do sofrimento, estes objetos são incorporados à criação visual para fazer um chamado político ao público que os está vendo. Trata-se de uma interpretação do sofrimento associado com esses objetos como um fato social injusto que inspira indignação e convoca à ação política.

Além de trabalhar de modos complexos e politicamente férteis sobre os afetos considerados “tristes”, a produção visual a favor do direito ao aborto na Argentina

começa a experimentar no terreno dos afetos considerados “alegres”. Mas não se trata apenas de impulsionar uma política destinada a “se sentir melhor” a respeito do aborto ou de colocar em circulação afetos considerados “positivos” no discurso político, já que os afetos “alegres” não são redentores em si mesmo nem acarretam necessariamente ações reparadoras ou de justiça que torçam as condições de opressão (AHMED, 2005).

Importantes tarefas políticas se colocam em movimento ao associar o aborto com o jogo e a infância, com sorrisos e com as vibrantes cores do orgulho LGBT. A apresentação destas imagens carregadas de afetos “positivos” é o produto de um esforço político por desestigmatizar, legitimar e apoiar as decisões não reprodutivas das mulheres e, de modo geral, das pessoas com capacidade de gestar. Fazer circular esses tons afetivos resulta politicamente crucial em uma paisagem social onde o aborto tende a ser associado necessariamente com o sofrimento, o terror e a culpa.

Também, estas novas formas do otimismo vinculadas ao aborto avançam sobre outro trabalho político decisivo: o de perturbar o entusiasmo socialmente dominante associado com a reprodução, com os bebês e com os fetos. Os sorrisos e o orgulho na produção visual a favor do aborto seguro e livre se opõem de maneira irreverente ao apego sem ressalvas a um ideal reprodutivo e a uma maternidade como único horizonte de felicidade e promessa de futuro para as pessoas com capacidade de gestar. Em nosso contexto social e político resulta sumamente valioso que os feminismos comecem a contrapor às formas mais sedimentadas de felicidade feminina associadas com a maternidade, formas da alegria vinculadas com a opção de não maternar.

Certamente, não deveríamos deixar que a dor nos prenda, mas também não devemos renunciar a produzir discursos sobre ela se pretendermos repará-la. Nas produções visuais a favor do aborto legal que analisei aqui, se agita um repertório complexo de afetos políticos que mostra a necessidade de colocar em movimento o sofrimento como estratégia para transformar as estruturas sociais que produzem essa dor. A indignação que provoca o sofrimento associado com o aborto não seguro é um afeto que vibra nestas produções visuais e que procura conscientizar o público e promover a luta pelo aborto legal. Também é possível advertir a emergência de novas tonalidades afetivas relacionadas com o cuidado mútuo, a alegria e o orgulho, nas imagens analisadas. Estes efeitos irreverentes que desafiam as ordens dominantes do sentir em relação ao aborto permitem vislumbrar novas possibilidades para a autonomia

dos corpos com capacidade de gestar e mantêm viva a esperança de outros futuros possíveis.

Referências bibliográficas

- AHMED, Sara. *The cultural politics of emotion*. Edinburgh University Press, 2004.
- AHMED, Sara. The politics of bad feeling. *ACRAWSA Journal*, n. 1 (1), 2005, pp. 72-85.
- AHMED, Sara. The happiness turn. *New formations*, n. 63, 2007a, pp. 7-14.
- AHMED, Sara. Multiculturalism and the promise of happiness. *New Formations*, n. 63, 2007b, pp. 121-137.
- AHMED, Sara. The politics of good feeling. *ACRAWSA Journal*, n. 4 (1), 2008, pp. 1-8.
- AHMED, Sara. *The promise of happiness*, Durham: Duke University Press, 2010.
- BERLANT, Lauren. *EL corazón de la nación. Ensayos sobre política y sentimentalismo*. México: FCE, 2011.
- BROWN, Wendy. Wounded attachments. *Political Theory*, n. 21 (3), 1993, pp. 390-410.
- BROWN, Wendy. *States of Injury. Power and freedom in the late modernity*. Princeton: Princeton University Press, 1995.
- CLACAI. *Misoprostol: regulaciones y barreras en el acceso al aborto legal*. CLACAI, 2010.
- CUELLO, Nicolás e GUTIERREZ, María Laura. Mujeres Públicas: la lengua incómoda del hacer feminista. In: *Catálogo para la exhibición Mujeres Públicas: fragmentos de un hacer feminista (2003-2013)*. Córdoba: Museo Emilio Caraffa, 2016.
- CVETKOVICH, ANN. *An archive of feelings. Trauma, sexuality and lesbian public cultures*. Durham: Duke University Press, 2003.
- GUTIERREZ, María Alicia. Todo con la misma aguja: sexualidad, aborto y arte callejero. In: GUTIERREZ, María Alicia (comp.). *Voces polifónicas. Itinerarios de los géneros y las sexualidades*. Buenos Aires: Godot, 2011, pp. 117-141.
- KLEIN, Laura. *Entre el crimen y el derecho. El problema del aborto*. Buenos Aires: Booket, 2013.

- LESBIANAS Y FEMINISTAS POR LA DESCriminalIZACIÓN DEL ABORTO (comps.). *Todo lo que querés saber sobre cómo hacerse un aborto con pastillas*. Buenos Aires: El colectivo, 2010.
- MACÓN, Cecilia e SOLANA, Mariela. Introdução. In: MACÓN, Cecilia; SOLANA, Mariela (eds.). *Pretérito indefinido. Afectos y emociones en las aproximaciones al pasado*. Buenos Aires: Título, 2015, pp. 11-40.
- MAFFEO, Florencia; SANTARELLI, Natalia; SATTÀ, Paula; ZURBRIGGEN, Ruth. Parteras de nuevos feminismos. Socorristas en Red – Feministas que Abortamos: una forma de activismo corporizado y sororo. *Revista Venezolana de Estudios de la Mujer*, n. 20 (44), 2015, pp. 217-227.
- MINES, Ana, DIAZ VILLA, Gabi, RUEDA Roxana e MARZANO, Verónica. “El aborto lesbiano que se hace con la mano”. Continuidades y rupturas en la militancia por el derecho al aborto en la Argentina (2009-2012)”, *Bagoas. Estudos gays: Géneros e sexualidades*, n. 7 (9), 2013, pp. 134-160.
- RAMOS, Silvina; ROMERO, Mariana e AIZENBERG, Lila. “Women’s Experiences with the Use of medical Abortion in a Legally Restricted Context: The case of Argentina”, *Reproductive health matters*, n. 22 (44), 2015, pp. 4-15.
- ROSA, María L. “Our bodies, our history. Mujeres Pública’s activism in the City of Buenos Aires”. *N. Paradoxa. International feminist art journal*, n. 30, 2012, pp. 46-61.
- WILLIAMS, Raymond (2009, “Estructuras de sentimiento”, *Marxismo y literatura*. Buenos Aires: Las cuarenta, 2009, pp. 168-178.
- ZAMBERLIN, Nina; ROMERO, Mariana e RAMOS, Silvia. “LatinAmerican women experiences with medical abortion in settings where abortion is legally restricted”, *Reproductive Health*, n. 9 (34), 2012, pp. 1-11.

Recebido em 05/11/2021
Aceito em 13/01/2021

ⁱ **Nayla Luz Vacarezza** é pesquisadora do CONICET, Argentina e docente do curso de sociologia na Universidade de Buenos Aires. É graduada em Sociologia e doutora em Ciências Sociais pela Universidad de Buenos Aires. Sua pesquisa se concentra na política visual e na dimensão afetiva dos movimentos pelo direito ao aborto na América Latina. Entre outras produções, é coautora (com July Chaneton) do livro *La intemperie y lo intempestivo. Experiencias do aborto voluntário en el relato de mujeres y varones* (Marea, 2011). Co-editora (com Cecilia Macón e Mariela Solana) *Afeto, Gênero e Sexualidade na América Latina* (Palgrave Macmillan, 2021). **E-mail:** nayla.vacarezza@conicet.gov.ar

ⁱⁱ **Luciana di Leone** é Professora do PPG em Ciência da Literatura, UFRJ. Doutora em Literatura Comparada, bolsista Jovem Cientista FAPERJ. Co-coordenadora do Laboratório de Teorias e Práticas Feministas - PACC/UFRJ. **E-mail:** luciana.dileone@letras.ufrj.br